

IFCH pesquisadores: “Mais do que ser professor, prefiro pensar em mim como pesquisador e como orientador”, explica Eduardo Dulo



Dulo não se determina somente um professor, e sim um orientador. “Porém, o que mais me agrada é a relação de orientação e não a ensino em sala de aula. Considero o modo de sala de aula apenas uma das muitas modalidades de aprendizagem”. Em entrevista, ele explica a escolha pela Antropologia e como essa área se abriu para a pesquisa, além de conversar sobre seus projetos recentes.

Confira a entrevista abaixo.

1. O senhor poderia falar um pouco sobre o que te influenciou a escolher este curso e a trilhar a carreira de professor? Qual o papel do IFCH nessa trajetória?

A escolha do curso de Ciências Sociais foi completamente aleatória. Eu havia estudado e feito o vestibular para Medicina, mas disse-me conta de que não tinha uma real intenção de cursar todo um percurso para chegar à Psiquiatria, que era meu objetivo. Foi minha mãe que me falou da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em que uma amiga dela tinha estudado, e para onde eu acabaria indo, não tinha a menor ideia do que esperar do curso, dos colegas etc.

Fui lá me apresentando por uma série de autores, parâmetros e me dando conta de que aquilo era algo que poderia fazer com prazer. Porém, a decisão veio apenas quando fui contemplado com uma bolsa de Iniciação Científica da FAPESP. Nessa época eu estava fazendo também o curso de Pós-graduação em Ciências Sociais, e a pesquisa não seria possível continuar com todas as coisas e fazer tudo bem. Esse decisão foi pelo trabalho de leitura, pesquisas e reflexões e não uma decisão sobre ser “professor”.

A escolha para estudar aqui no Brasil acaba por não ser por um professor de professores, pois não temos concursos para “lecionando” (com raríssimas exceções). A percepção de que eu poderia gostar de ser professor só ocorreu durante o pós-doutorado que fiz na USP, quando dei aula em curso sobre meu tema de pesquisa. Talvez por ter sido excoletor professor e professor na Escola de Sociologia e Política de São Paulo e no Museu Nacional/UFRJ, onde fiz meu mestrado e doutorado e por isso ter tido liberdade e nunca ter sido uma formação apropriada para a docência, não me imaginava suficientemente capaz de ocupar este espaço.

A minha participação no IFCH da UFRRJ ocorreu em 2010, após o convênio que foi no final de 2015. Posso dizer que foi algo que aprendi a ensinar e didática, algo que me agrada muito justamente por ser extremamente desafiador. Ver pessoas que estão interessadas em estudar, aprender, pensar, é algo que me motiva no cotidiano e me faz acreditar que ainda há sentido em estar aqui educando e pela capacidade crítica. Porém, o que mais me agrada é a relação de orientação e não o ensino em sala de aula. Considero o modo de sala de aula apenas uma das muitas modalidades de aprendizagem. Certamente uma muito importante, mas também muito limitada. Mais do que ser professor, prefiro pensar em mim como pesquisador e como orientador.

2. Observando suas pesquisas recentes, o senhor enfoca temas como Antropologia da Religião, Antropologia e, especificamente, temas como religião e moral?

O interesse pela Antropologia veio apenas no segundo ano de graduação, ao ler autores como Mauss, Evans-Pritchard, Lévi-Strauss, Clotire e Salinas. Diferentemente do que vejo hoje no IFCH, minha formação não foi fracionada desde cedo a uma única disciplina e especialidade. Foi o mesmo número de créditos nas três áreas, Antropologia, Sociologia e Ciência Política.

Garantir uma base de conhecimento em que tinha mais sobre antropologia religiosa num dia e sobre Fundamentos Políticos no outro. Além disso, ter áreas, nunca deixei de ler também Filosofia e História. Ainda que tenha me especializado formalmente na Antropologia, meu trabalho procura a partir as fronteiras disciplinares. Um dos motivos de ter optado pela Antropologia é que notei desde muito cedo que esta disciplina era mais flexível e aberta às inovações e pensamento heterodoxo do que as demais. É isso ocorreu, dentro e fora das salas, por ser muito difícil definir o que é e como é a Antropologia. Ela é plural que cada antropólogo pode oferecer sua própria definição e o número delas será definitivo. O interesse pela Antropologia se deu, portanto, como consequência de meu interesse em construir novas formas de pensar, sobretudo a partir de experiências não ocidentais.

Se sobre os temas, eles apareceram como relevantes no percurso da pesquisa. Eu não os procurei, mas acabei encontrando-os em campo. O tema original era religião, ciência e gênero, juventude e classe social, mas notei que não teria como analisar o que via em campo, uma ONG católica em favela da Zona Leste de São Paulo, sem discutir o fato de que era uma ONG católica. Isso, por outro lado, me fez pensar que que abordagem e Prática Formar em minha banca de mestrado meia catolicidade para além da religião, como algo que poderia ser pensado em relação com uma formação histórica específica do que chamamos de laicidade, e que eu discuti em minha tese de doutorado em diálogo com o recente antropologia do secularismo.

Antropologia da moral, por sua vez, é uma chave ainda mais recente, que continuei e pude me aprofundar durante o período de meu pós-doutorado, quando fui visiting scholar na University of Cambridge. Recentemente me organizei um dossiê sobre o tema para a Revista Antropológica, da UFPE. Estes temas apareceram como socialmente relevantes durante o percurso da pesquisa e busquei, portanto, sistematizá-los e publicá-los.

3. Em 2016, seu trabalho conjunto com outros pesquisadores “Transformações da cidadania no Brasil: perspectivas políticas seculares e religiosas” analisa a moralidade de certos sujeitos sociais e como isso afeta as transformações sociais no Brasil. Poderia explicar esse estudo, quem são esses sujeitos e como foi o processo de pesquisa?

Essa é uma pesquisa de longa duração em curso, com alguns resultados publicados e outros em vias de publicação, como o recente artigo no Bulletin of Latin American Research (BLAR) sobre as manifestações de sua que tiveram início em 2013, e organização de uma coletânea para a University of London Press, na sua coleção de estudos sobre América Latina sobre a vida comunitária, a vida anterior sobre controversas públicas envolvendo agentes religiosos e não-religiosos.

Essa pesquisa, diferentemente de outras que faço, está voltada para o trabalho de campo no presente, abordando as mesmas temáticas políticas, morais, religiosas e de gênero, mas com a vantagem dessa comparação com o passado. Dentro do trabalho de campo envolvido em minha orientação, temos trabalhos sobre a Pastoral Caraciana católica em prédios favelados, relações de autoridade e moralidade em terrenos, ações de inclusão social e educação voltadas para a valorização da rejeição, com crianças em uma vila e sobre a controversa pública recente de um aborto legal para uma menina de 10 anos vítima de violência sexual.

Em todos esses casos, há uma preocupação em pensar na produção de subjetividade ético-política com um entrelaçamento entre diferentes religiões (católicas, latvas, evangélicas) com as particularidades de gênero, raça, idade e classe social. A proposta parte de um entendimento antropológico de que cidadania não se limita ao aspecto formal, mas de que é também uma prática social e compreende subjetividades ético-políticas, de maneira que o objetivo é analisar como essas subjetividades vem se formando no presente, por meio de qual tecnologia, socialidade e valores morais, e o que elas nos dizem sobre a nossa democracia, juntamente por isso estou ministrando no momento em uma aula no curso PGGD chamado “Antropologia da Democracia”.

4. Na pesquisa “Transformações da laicidade”, o qual o senhor pesquisa, aborda as relações entre Estado, sociedade e religião. Como são estas relações e como a religião se faz presente em políticas de Estado, como ela influencia a agenda governamental?

Essa pesquisa é feita coletivamente a partir do NER (Núcleo de Estudos da Religião), contemplada pelo edital CAPES/COFECUB, e coordenada pelo meu colega Emerson Gumbrell em parceria com uma equipe sediada na EPHE (Escola Prática de Estudos Religiosos) e Ciências Sociais, Religião e Laicidade. Minha participação nessa pesquisa é uma colaboração para pensarmos esta relação a partir da Educação e sobretudo da constituição de uma escola pública laica no Brasil do final da Primeira República.

É, portanto, uma pesquisa de Antropologia e História, tal como foi também meu doutorado e pós-doutorado. O processo de formação de uma escola laica em tempo pela imaginação da própria cidadania, adaptados ao que se almeja, quanto pela constituição de um aparato estatal capaz de formar essas cidadãs. O que me pergunto é como se teria produzido uma escola pública que fosse laica, e que queira dizer laicidade naquele momento, e como esta visão de sociedade foi marcada por certos valores ambíguos em um contexto de partido, que era a religião hegemônica. Outros que temos hoje como os sobre ensino religioso e sobre educação sexual eram centrais cem anos atrás. Mas, também, sobre como garantir uma formação moral sem fazer uso das ideias e figurat diventa, e sobre a educação adequada para mestros e mestras.

Assim, tenho discutido o gênero da laicidade nessa pesquisa, pensando como aliança e profissões avirem parte da mesma política, um espaço de Estado, mas que é pensado mais como uma continuidade do espaço doméstico e familiar e menos como uma presença da mulher no espaço público e isso não por parte dos religiosos, mas pelos próprios da laicidade. Como pode notar, minha questão não é a mesma de outros pesquisadores, mas a complementar a deles: procurei compreender como a produção de uma laicidade se diferencia da religião, visto que se firmou a produção, obviamente, aquilo que chamamos de laicidade e que considero, com Talal Asad, um projeto ético-político e uma formação epistêmica, que chama de “laicist”.

5. Em “Religião e moralidade”, dentro ano, o senhor faz uma triangulação comparativa entre França, Brasil e Turquia sobre a construção da laicidade nesse país. Por que a escolha dessas religiões e como é esse Brasil em relação de conteúdo de outros países?

Essa pesquisa começou a ser financiada em março deste ano como bolsa de produtividade do CNPq, mas a uma expansão da pesquisa que acabou de mencionar. Para o convênio CAPES/COFECUB estou me dedicando em um ano apenas, nesta pesquisa, com um ano de financiamento, ou, em primeiro lugar, três controversas são árabe, e, além disso, farei uma comparação triangular entre Brasil, França e Turquia.

Primeiro se controversas estas são analisadas usando uma metodologia específica desenvolvida desde 2014 com o grupo de pesquisa de Paula Montero (USP/CBAP) durante meu pós-doutorado com bolsa da FAPESP e também em uma coletânea. Nesta pesquisa atual discuto a relação da laicidade com a moralidade no ensino político em oferta de um “ensino religioso” ou a busca por soluções para um ensino moral “sem Deus”. Já abordamos a “habitação secular” ou, no termo da obra, uma “hogem individual e secular”, que delimita papéis e posições adequadas a cada gênero, indicando a relação da educação própria para mestros e mestras. O propósito, ocorrido dentro do escopo da Mulheria Fernando de Azevedo (1927-1928) de um colégio obrigatório para professoras das escolas que, em conjunto com um “ensino doméstico”, oferecia para as garotas, promovendo uma clara mudança percepção da mulher, de espaço doméstico, de sua relação na esfera pública e da articulação entre moralidade religiosa e científica.

Apesar, em segundo lugar, isso é feito a partir de uma proposta inovadora de comparação triangular, inspirado em trabalhos como os de Peter van der Veer sobre Índia, China e o Império Britânico, no qual procurei compreender como o ideal francês de laicidade foi incorporado e transformado em dois contextos extremamente distintos, o Brasil (com a laicidade) e a Turquia (com a laicidade). A diferença entre os dois contextos contribui para entender o trabalho intelectual feito pelos brasileiros do período, no estabelecimento intelectual e que fomos e ainda somos testemunhas, e na relação entre religião e seu Outro estabelecida a partir das singularidades histórico-sociais.

As contropar a formação da laicidade com a formação do laicismo, um dos pontos que mais me chamou atenção foi justamente a situação das mulheres, muito mais limitada no caso brasileiro e que me fez olhar com mais atenção para esse aspecto no caso brasileiro. A primeira coisa, porém, “comparar”. A Antropologia vem recentemente retomando, em novos textos, o trabalho comparativo (algo que aprendei em um artigo, procurando “comparar e incomparar”). Assim, ainda que esta pesquisa seja de uma Antropologia histórica, ela é a trabalhar uma comparação com o presente. É tal maneira que também inclui menções sobre mulheres, religião e vida pública na Turquia e no Brasil contemporâneos, que se somam aos esforços da minha pesquisa etnográfica mencionada na pergunta 3.

6. Como pergunta final, quais seriam as habilidades que a próxima geração de antropólogos devem procurar e investir para enfrentar o mercado de trabalho do século XXI? E qual é a dica que o senhor acha essencial deixar para nossos jovens?

O mercado de trabalho para quem quer seguir uma carreira acadêmica se tornou muito mais difícil e desafiador nos últimos anos, pois tivemos e seguiremos tendo um forte corte de recursos para pesquisa e bolsa. Tanto em nível esse cenário nacional, é evidente que a próxima geração precisa em termos globais, isto é, que tenha como mais buscar recursos em fontes fora do Brasil. Para isso algumas habilidades são imprescindíveis: bom domínio do inglês, conhecimento profundo dos autores clássicos que é o caso da Antropologia não são nunca superiores, mas reinventados continuamente, curiosidade para se embrenhar em debates contemporâneos (e eu considero assim os debates que estão ocorrendo, sobretudo os que não foram ainda publicados, mas que estão circulando em apresentações e não só que ocorreram há 10 a 20 anos) e capacidade de se posicionar de maneira original frente a debates atuais. O mercado de financiamento global é extremamente competitivo e penso que os nossos estudantes ainda não têm uma boa percepção do que é necessário para acessar esses recursos. Concorro juntamente com minha amiga Rosana Pinheiro-Machado, uma excelente pesquisadora internacional e professora na University of Bath na Inglaterra, que escreveu sobre isso recentemente no Twitter.

CATEGORIAS

Mestrado Profissional em Segurança Pública
Nauygs
Coronavírus
Mau: IFCH
IFCH
Políticas Públicas
Profissões
Congresso
Sociologia
Antropologia
Ciência Política
Filosofia
História

ARQUIVOS

Dezembro de 2021
Novembro de 2021
Outubro de 2021
Setembro de 2021
Agosto de 2021
Julho de 2021
junho de 2021
Maio de 2021
Abril de 2021
Março de 2021
Fevereiro de 2021
Janeiro de 2021

f t v y

IFCH UFRRJ

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

Av. Brasil, 4690 - Fone: (51) 3635-1111

RELACIONE AQUI

© COPINGRAF 2019

Tudo é livre para ser usado

www.copingraf.com.br

www.copingraf.com.br

www.copingraf.com.br

www.copingraf.com.br

www.copingraf.com.br

www.copingraf.com.br

www.copingraf.com.br

www.copingraf.com.br